



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

BRUNA VITÓRIA MELO DOS SANTOS

**A METODOLOGIA FÔNICA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO PARA
ALFABETIZAR CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA –
TEA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

BRUNA VITÓRIA MELO DOS SANTOS

A METODOLOGIA FÔNICA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO PARA ALFABETIZAR CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba como requisito básico para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientador (a): Eduardo Gomes Onofre.

CAMPINA GRANDE – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237m Santos, Bruna Vitoria Melo dos.

A metodologia fônica como instrumento inclusivo para alfabetizar crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA [manuscrito] / Bruna Vitoria Melo dos Santos. - 2022.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre , Departamento de Educação - CEDUC."

1. Autismo. 2. Alfabetização. 3. Inclusão. 4. Método fônico.

I. Título

21. ed. CDD 370.15

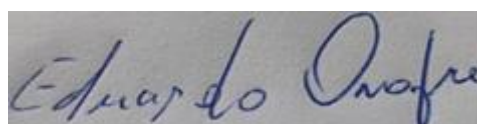
BRUNA VITÓRIA MELO DOS SANTOS

**A METODOLOGIA FÔNICA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO PARA
ALFABETIZAR CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA –
TEA**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga**

Aprovada em 28 de março de 2022

BANCA EXAMINADORA



**Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre – Orientador
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB**



**Prof. Mestre Marlon Tardelly Morais – Examinador
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB**



**Prof^ª. Mestranda Amanda Mayara Sobral Rodrigues – Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB**

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	4
1.INTRODUÇÃO.....	4
2.METODOLOGIA.....	6
3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
3.1 AUTISMO.....	7
3.2 MÉTODO FÔNICO.....	10
3.3 EXEMPLOS DE PARÂMETROS CURRICULARES COM ALTO DESEMPENHO EM LEITURA COM O MÉTODO FÔNICO.....	11
3.4 ESTRUTURAS DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17

A METODOLOGIA FÔNICA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO PARA ALFABETIZAR CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

SANTOS, Bruna Vitória Melo

RESUMO

O Brasil possui muitos fracassos relacionados ao processo para concretização da alfabetização. E os alunos que possuem algum tipo de deficiência apresentam diversos obstáculos para assimilar a aquisição de leitura e escrita. Os objetivos dessa pesquisa bibliográfica foram de identificar as principais causas de incompreensão em que os alunos com o Transtorno do Espectro Autista - TEA encontram no processo alfabético e apresentar a metodologia fônica como uma alternativa inclusiva. No método fônico a aprendizagem se dá a partir do ensino dos sons dos grafemas do alfabeto, inicia-se pelas vogais, em seguida as consoantes para poder aprenderem a formar sílabas e palavras. Também será apresentado os principais sinais deste transtorno. Verificou-se os fracassos na alfabetização brasileira e seus respectivos motivos. Conquanto, este trabalho possui a finalidade de apresentar o método fônico como um instrumento de inclusão para alunos com autismo com base em resultados positivos comprovados através de pesquisas científicas internacionais.

Palavras-chave: Autismo. Alfabetização. Inclusão. Método Fônico.

ABSTRACT

Brazil has many failures related to the process to achieve literacy. And students who have some type of disability have several obstacles to assimilate the acquisition of reading and writing. The objectives of this bibliographic research were to identify the main causes of misunderstanding in which students with Autism Spectrum Disorder - ASD find in the alphabetical process and to present the phonic methodology as an inclusive alternative. In the phonic method, learning takes place from the teaching of the sounds of the graphemes of the alphabet, starting with the vowels, then the consonants in order to learn to form syllables and words. The main signs of this disorder will also be presented. It was verified the failures in Brazilian literacy and their respective reasons. However, this work has the purpose of presenting the phonic method as an instrument of inclusion for students with autism based on positive results proven through international scientific research.

Keywords: Autism. Literacy. Inclusion. Phonic Method.

1. INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988 dispõe sobre a garantia da educação para todos. Em seu Art. 205, discorre:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p.?)

A educação deve ser destinada a todos de forma eficiente e construtiva. Esse é um direito que está previsto na Constituição Federal de 1988. A educação é efetivada como um direito para todos e é dever do Estado ofertá-la. A referida Constituição Federal também garante ao cidadão o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Entretanto, na prática tais direitos parecem ser velados, e são negados, acarretando um processo de exclusão devido as desigualdades sociais criadas pelo sistema neoliberal.

Na escola encontramos uma diversidade de crianças, cada qual com suas diferenças, cabendo ao professor mediar ações pedagógicas para incluí-las. Sendo assim, no âmbito da sala de aula a inserção de uma educação inclusiva faz-se necessária no contexto escolar. Com o objetivo de atentar para as barreiras na apreensão de conhecimentos no âmbito escolar, buscamos abordar, neste trabalho, a importância do método fônico no processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA.

Assim, abordaremos sobre as dificuldades de crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA no processo de alfabetização. Sabemos que no Brasil, infelizmente, os índices de pessoas analfabetas e analfabetas funcionais são enormes. Pensando na precariedade do nosso sistema público de ensino e nas estatísticas de analfabetos e analfabetos funcionais existentes, acredito que a renovação e/ou alternativa do método fônico possa propiciar um processo alfabético inclusivo e eficaz para alunos com TEA.

Ressaltamos que a presente pesquisa possui um caráter sugestivo para auxílio da alfabetização de alunos com o TEA. Dessa forma, o método fônico será abordado como um procedimento pedagógico que pode mediar o processo de alfabetização de alunos com TEA.

O método fônico auxilia o aluno que já está com inúmeras dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, pois este método traz um processo mais rápido de ensino e aprendizagem, pois o aluno irá aprender o diálogo entre as letras e os sons que as letras possuem. Este método possui um diferencial muito bom que é a questão do professor poder realizar um planejamento com práticas e atividades bastante lúdicas. A aprendizagem se dá a partir do ensino dos sons dos grafemas do alfabeto, inicia-se pelas vogais, em seguida as consoantes para poder aprenderem a formar sílabas e palavras.

Consideramos que dentro desse espectro possui uma diversidade de alunos com graus diferentes de dificuldades no processo de aprendizagem. Cada aluno com TEA possui suas particularidades e o grau de comprometimento nesse transtorno é bastante variado, sendo assim, cada um vai possuir adaptações diferenciadas na vida e no processo de alfabetização. Neste trabalho, utilizamos como referencial teórico as pesquisas realizadas por Fernando Capovilla e Alessandra Seabra que estudam a eficácia da metodologia fônica.

A questão norteadora da presente pesquisa foi: Quais são as dificuldades enfrentadas por crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA no processo de alfabetização? Diante dessa questão, tivemos o seguinte objetivo geral: Discutir a importância do método fônico no processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Os **objetivos específicos foram:** Identificar as principais causas de incompreensão no processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA; abordar os principais sinais

do Transtorno do Espectro Autista – TEA; e descrever os passos do método fônico no processo de aprendizagem.

Pensando na questão da alfabetização em um contexto educacional que se baseia na perspectiva da educação inclusiva, a autora do presente texto, em uma experiência de estágio não-obrigatório, percebeu as várias dificuldades que um aluno com o Transtorno do Espectro Autista – TEA enfrenta em seu processo de alfabetização.

O processo de ensino-aprendizagem é um processo bastante delicado que envolve diferenças e entre elas estão os aspectos psíquicos, emocionais e sociais. Esse processo é algo que deve ser bastante estudado e estruturado de acordo com as necessidades educacionais de cada aluno.

Os alunos com TEA dependendo do seu grau de comprometimento terão, possivelmente, dificuldades sobre os conhecimentos semântico e interpessoal, ou seja, na construção do texto e no entendimento do seu sentido. Em decorrência disto, eles podem apresentar uma dificuldade para elaborar uma conclusão coerente com a proposta do texto em estudo.

Alguns aspectos sociais presentes em uma história, a exemplo da aparência, postura, apresentação, ângulo, e enfoque são pontos que um aluno com TEA não conseguirá, na maioria das vezes, perceber e/ou discutir sobre tais. Outro ponto que eles encontram pouca desenvoltura e/ou nenhuma é na questão do reconto. Geralmente, o aluno com TEA terá dificuldade de contextualizar informações.

A prosódia é uma parte da gramática que utiliza bem a emissão dos sons da fala, oralidade das palavras e principalmente a entonação. Esta caracteriza-se como um elemento inclusivo no processo de alfabetização para o aluno com TEA, pois proporciona a facilitação da contextualização e também as expressões durante a contação de uma história, por exemplo. Ressaltando que a entonação, a dramatização, é algo que chama a atenção da criança com TEA e a faz permanecer envolvida com a contação, sendo algo considerável no processo de percepção para desenvolver um processo de ensino alfabético através dos sons.

Os problemas de comunicação verbal e não verbal e também da interação social dificultam no desenvolvimento do processo de alfabetização. Considerando isto, é importante que cada aluno possua estratégias de ensino diferentes e adequadas para suas necessidades educacionais. Por isso, destacamos a importância da inclusão na sala de aula que tem como um dos focos adaptar procedimentos pedagógicos de acordo com as necessidades educacionais dos alunos com ou sem deficiência. É através dos pressupostos da educação inclusiva que o aluno com TEA poderá obter o desenvolvimento necessário e êxito no processo de aprendizagem alfabética.

2.METODOLOGIA

Irei trabalhar quais são as dificuldades enfrentadas por crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA no processo de alfabetização. Neste sentido, a pesquisa será descritiva com o objetivo de identificar os principais desafios das crianças autistas no processo de alfabetização. Com o intuito de exprimir o método fônico como instrumento inclusivo para alfabetizar crianças autistas, o trabalho a seguir trará a importância deste método para alfabetizar crianças com TEA.

1. Tipo de Pesquisa

A pesquisa bibliográfica se baseia em alguma teoria que anteriormente foi publicada seja através de artigos científicos, teses, livros, revistas, leis. Essa gama de possibilidades de conhecimentos enriquece bastante a pesquisa para a revisão bibliográfica. Neste sentido, o papel do pesquisador é obter o Conhecimento necessário acerca da sua pesquisa. É importante que haja a leitura e reflexão. A escolha do tema para pesquisa é algo extremamente importante neste processo, pois a partir dele trará contribuições pertinentes para a sociedade. Essa escolha emerge de uma observação ou dúvida do pesquisador.

A pesquisa desenvolvida será de natureza quantitativa apresentando as pesquisas que comprovam a eficácia do método fônico como facilitador na alfabetização para alunos com TEA. Farei um estudo bibliográfico de seis edições do livro “Alfabetização: Método Fônico” de Alessandra G. Seabra e Fernando Capovilla. A primeira edição foi publicada em 2002; a segunda edição (2003); terceira edição (2004); quarta edição (2007); quinta edição (2010); sexta edição (2021). A revisão bibliográfica apresenta os principais pontos que levaram o Brasil a permanecer no declínio dos níveis de aquisição da leitura e escrita. Em ambos os livros a abordagem é a mesma: os autores apresentam comprovações científicas nacionais e internacionais (estes comprovam a eficácia do método fônico no processo de alfabetização). Essas pesquisas internacionais são apresentadas e discutidas pelos autores como uma estratégia e/ou caminho para o Brasil transformar sua realidade educacional.

2. Participantes da pesquisa

A minha pesquisa originou-se através de um estágio em educação especial em uma escola privada na cidade de Campina Grande – Paraíba. A criança X já possuía laudo, quando iniciei a experiência ela tinha cinco anos, estava matriculada no infantil V. Passei um ano e alguns meses a acompanhando. Era algo desafiador e gratificante ao mesmo tempo. O primeiro avanço que consegui foi que ela parasse de correr na escola e sentasse. Em seguida, ela começou a prestar atenção na professora e tudo foi caminhando muito bem. Ao final do ano, ela tinha desenvolvido mais a sua concentração, dessa forma, conseguia prestar mais atenção durante a aula. Sua coordenação motora fina teve avanço positivo também. Ao final do ano, ela conseguia realizar as atividades propostas, necessitando de bem menos auxílio. Porém, mesmo diante de tantos avanços, os pais juntamente com a coordenação da escola decidiram que ela repetisse o primeiro ano.

3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 AUTISMO

“O autismo não é o fim do mundo. Muitas características fazem de seu filho uma pessoa única, mas, para que ele tenha uma vida mais conectada com a vida social e esteja preparado para as instabilidades, é necessário conhecer mais e descobrir cedo!” (BRITES, Luciana e Clay)

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta a capacidade do ser humano de percepção social. Neste caso, compromete a nossa capacidade de reconhecer, elaborar, antecipar e responder a um contato social, a dificuldade da construção de um diálogo é um exemplo disto. Essa percepção social depende de várias regiões do cérebro interconectadas e

cada uma possui uma função específica. A questão do reconhecimento da face humana, a linguagem social seja ela verbal ou não verbal, a questão da análise emocional, os estímulos sensoriais e as funções para organizar e integrar todas estas citadas. Muitas pesquisas concluíram que o cérebro autista possui uma grande desorganização e uma modelagem anormal, por isso o funcionamento deste não é o esperado.

Enquanto estagiária percebia a tamanha barreira que era para a criança com TEA em interagir com seus colegas, muitas das vezes ela possuía claramente as ações de querer brincar com eles, mas ao passo que ia tentar, não conseguia entender o sentido da brincadeira, perdia o interesse facilmente, queria correr, fugir da sala. E eu percebia que isso era algo frustrante para ela. Durante o intervalo, minha função maior era buscar integrar ela nas brincadeiras com a turma. No início foi algo muito difícil, pois ela só queria brincar só, correr, ir pra o lado do parque que a turma anterior a dela estava. Nesse momento ela fazia bastante birra, procurava ficar repetindo o mesmo comportamento que na maioria das vezes era de correr pela escola inteira. Com o passar do tempo, fui buscando mais conhecimentos sobre o autismo, e a cada nova intervenção de comportamento que eu consiga fazer com ela, era algo fascinante pra mim e mais ainda pra ela. Recordo da primeira apresentação junina em que fui orientadora dela...

Durante os ensaios ela apresentava muita fuga de demanda, não apresentava paciência em continuar as coreografias, tinha dificuldade em se concentrar. E aos poucos fui oferecendo recompensas e impondo limites durante os ensaios.

Ela aprendeu a música inteira, assim como a coreografia. No dia da apresentação, surpreendeu a todos com sua desenvoltura e constância, foi até o fim dançando lindamente. Aquilo foi a coisa mais linda que já presenciei em minhas poucas experiências em sala de aula. Foi algo que me marcou muito assim como a seus pais que ficaram radiantes de alegria.

As pesquisas (BRITES, Clay; BRITES, Luciana) tem apresentado nos últimos quarenta anos, várias evidências comprovando que noventa por cento dos casos é referente a herança genética. Habitualmente as manifestações para o Transtorno do Espectro Autista estão sendo associados com algumas síndromes, como a gêmeos monozigóticos, dimorfismos físicos. Porém, cerca sessenta por cento dos casos apresentados tendem a permanecerem sem causa definida. Já algumas síndromes se associam intimamente com o autismo, que é o caso da X-Frágil, Angelman, Williams-Beurer, Down, esclerose tuberosa, neurofibromatose tipo 1, Charge, Cornelia de Lange, doença celíaca, entre outros.

Existem alguns fatores comprovados que podem contribuir pra mais ou menos na expressão dos ‘genes do autismo’, entre eles estão: o primeiro filho com autismo e ser do sexo feminino (elevando o risco em duas vezes), a criança ser do sexo masculino, e a correlação de outros fatores. Outro fator incidente é a questão de a criança ter sido fruto de pais com idade superior a quarenta anos (neste caso se dá pelo envelhecimento dos espermatozoides e dos óvulos aumentam os riscos de mutação genética e de erros na fase sequencial de ambos) e isso é algo que temos presenciados muito atualmente. Muitas pessoas tem levado uma vida dedicada a carreira profissional, ao trabalho, tem optado pra ter filho quando estiverem em condições x financeiras ou até mesmo por outras opções. Apesar de serem muitos os genes associados ao diagnóstico do TEA, a avaliação genética é bastante delicada de se concretizar, considerada difícil quando já se tem os motivos e as justificativas (clínicas e familiares) bem definidas. Em relação aos aspectos ambientais, as pesquisas mostram que a prematuridade e o baixo peso quando nasce são fatores considerados predisponentes.

Outros fatores como a obesidade durante a gestação, pré-eclâmpsia no fim da gravidez, lúpus materno e histórico materno de abortos espontâneos, etc. Estes ainda não são

considerados fatores de risco, mas há publicações do aumento de incidências nesses perfis citados.

O diagnóstico do autismo é clínico e de observação comportamental, caso os exames genéticos apresentarem normalidade em seu resultado, em nada mudará o diagnóstico de TEA, porque foi constatado que apenas quinze por cento desses pacientes apresentam o diagnóstico de positivo para mutações ou síndromes. Portanto, acredito que o diagnóstico do TEA deve ser multidisciplinar, pois vejo algumas pessoas que suspeitam de algum atraso na linguagem do filho ou algum retardo e só procuram um especialista, quando este conclui que a criança não se enquadra no caso de autismo, por exemplo.

Os pais tendem a não procurarem outras avaliações e isso pode gerar um atraso muito grande no processo de desenvolvimento, pois o diagnóstico chegará tardio e as intervenções irão começar em um espaço de tempo muito demorado, e isso é preocupante. Por isso, vejo que a conscientização deve ser algo presente nas escolas, universidades, além de iniciativas organizadas pelos políticos, por exemplo. Outro meio de comunicação bastante eficaz pra essa conscientização e alerta é a internet. Onde a maioria das pessoas destinam horas em frente a tela e descobrem tantas coisas importantes através de vídeos e fotos.

Em matéria intitulada Estudantes brasileiros não entendem o que lêem, o jornal O Estado de São Paulo relata: 8 O aluno brasileiro não compreende o que lê. (...) Entre 32 países submetidos ao teste, o Brasil ficou em último lugar. A prova avaliou a capacidade de leitura de alunos de 15 anos. (...) "Esperava um desastre maior", disse o Ministro da Educação. (sic) (...) No Brasil participaram 4,8 mil alunos de 7a. e 8a. série do ensino fundamental e do 1º e 2º ano do ensino médio. (...) com média de 396 pontos, numa escala que pode ultrapassar os 626, os alunos brasileiros foram classificados no nível 1, o mais elementar. Ou seja, são considerados praticamente analfabetos funcionais. (Weber & Avancini, 2001 a Estudantes brasileiros não entendem o que lêem, O Estado de São Paulo, 5 de dezembro, p. A9.)

No Brasil as pesquisas (A. Capovilla e F. Capovilla (2000b) tem afirmado que as crianças tem apresentado uma dificuldade enorme no processo de aquisição da leitura e escrita e isso agrava fortemente o processo de alfabetização deles. Sabe-se que as condições socioeconômicas afetam esse cenário, porém, o país tem demonstrado ineficiência em suprir as necessidades educacionais. Através de exames como a Provinha Brasil, por exemplo, percebemos claramente a grande lacuna existente entre o processo de ensino e aprendizagem das crianças, infelizmente.

(...) Aprender a ler requer uma escola e uma instrução adquirida (...) e depende essencialmente de uma conquista crucial pelo educando que é a compreensão, alcançada com a mediação de leitores proficientes, do princípio subjacente ao código alfabético. É importante que professores e pais admitam que a leitura é uma atividade mental altamente complexa e organizada. (Observatoire National de la Lecture, Centre National de Documentation Pédagogique, 2001, Apprendre à Lire. Introduction: Apprendre à lire n'est ni naturel ni surnaturel, pp. 1-2.)

Compreendo o processo de alfabetização como sendo complexo, o qual carece de muita infraestrutura, organização, planejamento e acima investimentos para tal. E isso é algo que não encontramos no Brasil. Acredito que o professor possui um papel de "ator principal", pois eles que irão conhecer as deficiências de aprendizagem de cada aluno, são estes que vão planejar as aulas, escolher a didática, os métodos de ensino, enfim. Eles são a "peça chave" para uma educação de eficiência. Por isso, vejo que o investimento nos professores não existe, era pra haver um programa de assistência exclusivo para os professores alfabetizadores, ofertando cursos de formação continuada, materiais que eles achassem necessário.

[...] os professores permanecem os únicos mestres a bordo. Cabe a eles inventar os exercícios, às astúcias e os jogos que permitirão despertar as crianças para a leitura, aí elas encontrarão as dificuldades particulares que requerem um domínio pedagógico que respeite profundamente. Creio, simplesmente, que nem o psicólogo nem o professor podem se permitir ignorar os conhecimentos científicos que explicam por que o cérebro da criança é mais ou menos receptivo a este ou aquele método de leitura. (DEHAENE, 2012, p 344)

A alfabetização deveria ser tratada com seriedade e compromisso tanto por parte dos políticos no poder como de toda equipe pedagógica da escola. Nós, como educadores devemos nos tornar pesquisadores mediante nossa sala de aula.

Devemos observar quais as principais dificuldades dos alunos e procurar soluções. Vejo as pesquisas como o norte para tal mudança, pois através delas poderemos nortearmos e fazer o uso de tal instrumento. No caso da alfabetização, podemos fazer um estudo e introduzir o método fônico como facilitador de aquisição da leitura e escrita.

Recordo de toda dificuldade em que presenciei durante meu estágio, onde a criança não conseguia olhar para professora na hora da contação de história e isso não trabalhado pela professora. Neste caso, a aluna não possuía pré-requisito para as outras tarefas. Se ela não prestava atenção em um momento lúdico como a da contação, obviamente não iria se atentar as explicações durante a aula. E isso foi algo que impressionantemente não era trabalho pela equipe pedagógica. Quando fui me deparando com questões como essa, descobri que a inclusão que muitas escolas dizem ofertar não consegui enxergar, pois não tinha material pedagógico para adaptar atividades. Tinha atividades com propostas muito complexas que se tornava cansativa para ela e isso não era revisto. Então, devemos ser nós os pesquisadores e agentes de mudanças no âmbito escolar.

3.2 MÉTODO FÔNICO

O método fônico se caracteriza por ensinar às crianças as relações existentes entre grafemas e fonemas, ou seja, as letras e os sons com o objetivo de relacionar a palavra falada com a escrita propriamente. Este método vai permitir que o sujeito consiga atingir uma compreensão mais elevada das letras, sílabas, palavras, contribuindo para construção mais enriquecedora da consciência fonológica. De acordo com o modelo de desenvolvimento de leitura de Frith (1985, 1990), sistematicamente explicado e expandido por A. Capovilla e F. Capovilla (2000b) e F. Capovilla e A. Capovilla (2001b), a criança passa por três estágios na aquisição de leitura e escrita: 1) o logográfico, em que ela trata a palavra escrita como se fosse uma representação pictoideográfica e visual do referente; 2) o alfabético em que, com o desenvolvimento da rota fonológica, a criança aprende a fazer decodificação grafofonêmica; e 3) o ortográfico em que, com o desenvolvimento da rota lexical, a criança aprende a fazer leitura visual direta de palavras de alta frequência.

"É inacreditável que a pedagogia não organize experimentos contínuos e metódicos, contentando-se apenas em resolver os problemas por meio de opiniões, cujo 'bom senso' encerra realmente mais afetividade do que razões efetivas." (Psicologia e Pedagogia - 1969/1976, p.15)

Podemos considerar que a educação brasileira enfrenta muitas dificuldades e notamos o declínio da qualidade desta através dos índices do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb), por exemplo. O qual notificou em 2000 que os níveis de desempenho dos alunos de quarta (caiu de 186,5 em 1997 para 170,7 em 1999) e oitava série (baixa de 250 para 232,9) e os da terceira série do ensino médio (desceu de 283,9 para 266,6) continuavam em declínio e retrógrados em seus conhecimentos. Identificamos mais dificuldades que a nossa educação

enfrenta e, conseqüentemente, já pensamos na figura do professor. Este que possui uma responsabilidade gigantesca numa prática bastante limitante pelos aspectos estruturais do sistema, pela questão social e principalmente pessoal.

Devemos ser seres ativos perante a reivindicação dos nossos direitos, temos que buscar cada dia melhorar a nossa prática e o principal: compreender as particularidades de cada aluno. Antes de tudo, conhecer nosso aluno, buscar entender suas dificuldades, limitações e suas formas de abstrair os conhecimentos.

Precisamos lutar contra todo esse fracasso escolar. E por que não olharmos com mais cuidado para nosso sistema de alfabetização brasileiro? Por que não mudarmos esse cenário através de um método comprovado? Essas indagações precisam ser levadas a prática. Que venhamos começar em nós essa mudança. No nosso olhar, no empenho, no planejar pedagógico. Devemos pesquisar e aprender para levarmos para o nosso ensino.

Segundo Piaget (1969/1976) há uma grande importância enquanto educadores em buscarmos uma pedagogia experimental. Só o estudo paciente, metódico, aplicado aos grupos comparáveis de assuntos em tempo igualmente comparável, neutralizando-se tanto quanto se possa os fatores adventícios (...) é capaz de permitir a solução do problema." (p.29-30).

3.3 EXEMPLOS DE PARÂMETROS CURRICULARES COM ALTO DESEMPENHO EM LEITURA COM O MÉTODO FÔNICO

Na primeira edição (2002) Seabra e Capovilla apresentam dados científicos e comparações as quais atestam que os PCNs brasileiros precisam urgentemente serem reelaborados. Acredito que as pesquisas realizadas pelos parâmetros britânicos, norteamericanos e franceses serão instrumentos eficazes, pois são pesquisas comprovadas cientificamente.

Na Grã-Bretanha uma criança considerada alfabetizada ela precisa dominar a leitura e a escrita com confiança; dominar pistas de leitura (fônicas, gráficas, sintáticas e contextuais) sendo capaz de corrigir seus erros; compreender o sistema de sons da escrita para ler e escrever com exatidão; possuir interesse pelas palavras e seus significados e um vocabulário crescente; possuir o conhecimento de diferentes gêneros; compreender textos variados e possuir a capacidade de escrevê-los; planejar, traçar, revisar e editar a sua própria escrita; ter um vocabulário técnico satisfatório por meio do qual possa entender e discutir sua leitura e escrita; possuir interesse por livros, ter o prazer de ler, avaliar e justificar suas preferências; e desenvolver as habilidades próprias de imaginação, inventividade e consciência crítica por meio da leitura e da escrita. (UK Government's Department for Education and Employment, 2001, Report of The Standards and Effectiveness Unit: Literacy, National Literacy Strategy: The National Literacy Strategy: Framework for teaching YR to Y6. pp. 1-2.

O método fônico, por sua vez, é uma abordagem, uma opção no processo de alfabetização. Portanto, independentemente do método utilizado é sempre possível, se não necessário, o treino da consciência fonológica (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2003).

Na pesquisa realizada comprovou que os alunos não irão aprender a diferenciar os tipos variados de sons das palavras simplesmente observando/mantendo contato um livro, por exemplo. Faz-se necessário que os professores aprendam a desenvolver habilidades de decodificação e escrita desde o começo do processo de alfabetização.

A prática brasileira coloca a criança para realizarem inúmeras atividades elementares que são utilizadas na educação infantil, outrora elaboram atividades com um nível de competência muito alto para o estágio atual da criança.

Já a prática britânica prepara o indivíduo para decodificação fluente, onde ele consegue engajar sua fala com eficiência e utilizar de um vocabulário oral juntamente com a compreensão do texto.

Os parâmetros norte-americanos em seu relatório oficial o Instituto Nacional de Saúde da Criança que as análises dos 115 mil estudos os quais foram publicados, concluiu que as instruções metafonológicas a qual se objetiva desenvolver a consciência fonológica, alertar para os fonemas e manipular sílabas e palavras. A eficácia foi comprovada na aquisição de leitura e escrita sob condições diferentes de idades, de ensino, níveis escolares (da pré-escola até a sexta série). Sendo, portanto, registrados os maiores ganhos no primeiro ano de instrução formal de leitura.

Na França o relatório *Aprender a Ler* apresentou a necessidade de combinar em sala de aula a abstração da decodificação grafofonêmica com o trabalho de construção do significado. É proposto que para a criança realize a descoberta do princípio alfabético e compreenda o funcionamento do código alfabético, necessita ser conduzida para manipular segmentos curtos e bem escolhidos.

Uma pesquisa realizada na Dinamarca por Borstrom e Elbro (1997) com crianças filhas de pais (pelo menos um) dividiu crianças em três grupos: 1) Grupo Experimental de risco; 2) Grupo-controle de risco; 3) Grupo-controle regular; esses grupos foram avaliados através de algumas atividades na fase inicial da pré-escola.

Neste estudo 40% das crianças foram consideradas como possíveis disléxicas; porém, apenas 17% foram realmente classificadas como tal. Sendo assim, apreendemos a extrema importância para nós atentarmos em relação as dificuldades de leitura e escrita das crianças durante a pré-escola, onde muitos acreditam que é "normal" os atrasos e deficiências. Desse modo, não podemos negligenciar como professores a prática de um ensino explícito entre letras e sons. Portanto, apesar de todo o os problemas atrelados ao processo alfabético nessa fase se houver as práticas de ensino com a instrução fônica trará um processo de alfabetização de sucesso.

Na terceira edição (2004) foi apresentado a importância de o Brasil adotar o método fônico ao processo de alfabetização. Segundo o Censo Educacional 2001-2002 dos 5,98 milhões de crianças matriculadas na primeira série apenas 26,2% não obtiveram a aprendizagem necessária antes de progredir para próxima série (segunda, neste caso). Desse modo, a ineficiência da alfabetização atingiu 1,57 milhão de crianças. Já na quinta série foi de 27,4% e na primeira série do ensino médio 33,6 %. Dessa forma, constata-se que são inúmeros os fracassos e\ou retrocessos na alfabetização. E, diante deste cenário, poucas são as crianças que são encaminhadas para um atendimento especializado, na maioria das vezes com o mesmo quadro: pouca atenção e autoestima e problemas na aprendizagem.

Não se pode atribuir as dificuldades educacionais a distúrbios como a dislexia, por exemplo. Deve-se procurar os erros no sistema de ensino em que o sujeito está inserido. Dados internacionais apontam para uma porcentagem de dislexia do desenvolvimento relativamente estável de 4% da população (A. Capovilla E F. Capovilla, 2004c; Piérart, 1997; Smythe, Everatt, E Salter, 2003; Snowling E Stackhouse, 2004). Foi constatado que é mais comum que os déficits na aprendizagem que os sujeitos se caracterizem como analfabetos funcionais ao invés de disléxicos.

Trata-se da consciência de que a fala pode ser concebida como um fluxo no tempo de um certo número limitado de fonemas que se combinam e recombinaem em diferentes ordens confirme regras convencionais compondo diferentes palavras faladas, e que esses fonemas podem ser convertidos em seus grafemas correspondentes num

mapeamento de ordem conforme a sequência tempo-espço (da esquerda para direita na linha, e de cima para baixo entre linhas), e com lacunas para separar as palavras. Tal consciência pode ser facilmente avaliada medindo os níveis de um conjunto de habilidades metafonológicas, como manipular (i.e., adição, subtração ou substituição de fonemas no início, meio ou fim de palavras, produzindo novas palavras ou pseudopalavras, como do som *b* por *m* transformando *cabelo* em *camelo*), transpor fonemas (i.e., inverter a ordem de fonemas iniciais, mediais ou finais entre palavras, como *bomar tanho* ou *tomar banho*). Já se demonstrou sobejamente que os níveis dessas habilidades metafonêmicas predizem com bastante precisão os níveis de leitura em voz alta, escrita sob ditado e compreensão de textos. (A. Capovilla E F. Capovilla 2004, 2004b; F. Capovilla E A. Capovilla, 1996, 1999; National Institute of Child Health and Human Development, National Reading Panel, 2000; Observatoire National de la Lecture, et Centre National de Documentation Pédagogique, 1998; UK Department of Education and Employment, Standards and Effectiveness Unit, 2000)

Sendo, portanto, a consciência fonológica (baixa habilidade na metafonêmica a responsável principal característica pelas dificuldades apresentadas. Os alunos não possuem também as instruções fônicas explícitas e sistemáticas, ou seja, não dominam a consciência fonêmica e nem as relações grafema-fonema as quais possuem grande importância por representar a fala por meio da escrita e também recupera a fala interna, ou seja, o pensamento em palavras através da escrita. Dessa forma, eles continuam analfabetos funcionais em séries variadas (3°, 4°, 5°, 6°, 7°, 8°) do ensino fundamental em escolas tanto públicas como privadas.

Uma pesquisa recente (A. Capovilla E F. Capovilla, 2000, 2002d, 2004b). descobriu que essas falhas dos princípios mais elementares que regem o ensino da alfabetização consistem na privação de instruções fonicas (i.e., relações grafema-fonema) e metafonológicas (i.e., exercícios de consciência fonológica) explícitas e sistemáticas, e no errôneo incentivo a uma abordagem ideovisual a aprendizagem de leitura e escrita a partir de textos complexos administrados desde o início sem qualquer preparo prévio para tanto (A. Capovilla e F. Capovilla, 2002d). Porém, o que principal ponto identificado nessa pesquisa foi o padrão do fracasso observado nas crianças que estão inseridas na abordagem ideovisual global prescrita pelos errôneos PCNs em alfabetização, tanto pior será a competência de leitura e a compreensão de textos dos seus alunos ao final do ano escolar. Esses achados explicam porque os parâmetros de alfabetização adotados pelos países bem-sucedidos são tão diametralmente opostos aos PCNs brasileiros, como documentado fartamente (A. Capovilla E F. Capovilla, 2004b; Cardoso-Martins, Capovilla, Gombert, Oliveira, Morais, Adams, E Beard, 2003; National Institute of Child Health and Human Development, National Reading Panel, 2000; Observatoire National de la Lecture, ET Centre National de Documentário Pédagogique, 1998; UK Department of Education and Employment, Standards and Effectiveness Unit, 2000).

Diante de tantas constatações científicas, é notório que o Brasil está em uma situação caótica em relação ao sistema de alfabetização. Isso é comprovado desde 1995 pelo Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) onde tem -se verificado nas avaliações bianuais de 1995, 1997, 1999 e 2001 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998, 1999, 2001b, 2002b). Além disto, algumas autoridades que compõe a equipe do Saeb, Indo e MEC, o aumento das reprovações e da evasão nas escolas são causadas pela dificuldade em apreender sobre os atuais procedimentos se ensino.

Acredito que os professores precisavam de um preparo bem maior para exercer a prática pedagógica. Vejo que falta muita capacitação eficaz tanto na rede pública como particular. E essa questão atrelada a um método de alfabetização ineficaz como o empregado no Brasil agrava mais ainda a evolução da educação.

No ensino fundamental brasileiro, a população de escolares que vem fracassando regularmente e se acumula, com num gargalo, atrasada (i.e., com disparidade entre a idade e a série escolar) constituiu um assombroso contingente de cerca de 8 milhões e 300 mil crianças e jovens. Para ter uma ideia do tamanho dessa cifra, segundo o IBGE, a população na faixa etária do ensino fundamental (de 7 a 14 anos) é de 27 milhões. Contudo, segundo o MEC, a população escolar matriculada no ensino fundamental é de cerca de 35 milhões e 300 mil

alunos. Isto significa que, no ensino fundamental, há cerca de 8,3 milhões de alunos atrasados (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001a, 2002a). Esse atraso, segundo Marcelino Pinto, ex-diretor do Inep, é consequência da incompetência da escola em fornecer ensino de qualidade, apesar de um investimento de 5,2% do PIB em educação (Diário de São Paulo, Caderno A3, 12 de março de 2003).

A metodologia construtivista é algo bastante discutido por A. Capovilla e F. Capovilla. Eles acreditam que os construtivistas não são tão adeptos das avaliações por elas aparecerem como "vilãs", pois cada vez mais o processo de aquisição da alfabetização tornava-se mais degradante e ineficiente segundo estatísticas de diversos programas como o Saeb, por exemplo.

Acredito que os padrões de ensino continuarem insistentemente no mesmo método não trará nenhum benefício, pelo contrário. A cada ano que se passa, os números continuam insatisfatórios e a realidade de inúmeros alunos ficam a mercê dessa problemática, infelizmente. Vejo que as autoridades competentes do país não fazem o mínimo de esforço para que esse quadro seja revertido.

Compreendo que o processo de aquisição da leitura e escrita é desafiador no Brasil, pois a sua grande maioria são crianças pobres que dependem de um sistema educacional defasado pelas autoridades públicas, pois não planejam um sistema inclusivo e que "dê certo". Deveria haver pesquisas sobre os sistemas adotados em outros países, por exemplo. O que mais está sendo utilizado e/ou o que mais está dando resultados positivos/satisfatórios. É essas questões que causam descontentamento em viver num país tão medíocre e excludente. Tenho certeza que se houvesse o mínimo de esforço, já haviam descoberto a eficácia do método fônico.

Esse agravante é notório desde o Saeb de 1995 a 2001, por exemplo. O MEC mesmo tentando articular estratégias como rebaixar os critérios de aprovação, diminuindo a frequência das avaliações. Em 2001 o Brasil passou por um momento bem delicado em sua história Educacional foi quando sob o método construtivista, na avaliação internacional de competência de leitura (Pisa), promovida através da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2001). Nesta avaliação foram participantes 36 países e, infelizmente, o Brasil ocupou a última posição (36°).

O ponto que mais me chama atenção de forma negativa é que vários países a exemplo da Inglaterra, França e Estados Unidos já passaram pela mesma crise por volta de 1990 buscaram sair, e, conseguiram. Mas o Brasil parece não validar o processo alfabético como algo primordial na escola, infelizmente. Estes países investiram na m Pesquisas a fim de investigar o porquê de todo fracasso e encontraram a solução em um novo método: o fônico, nestes casos.

Os Estados Unidos, por exemplo, convocaram a Comissão de Especialistas em Leitura para compor o *National Reading Panel*, com o objetivo de identificar as principais causas da problemática em apreender o processo da leitura e da escrita. E, através disto, buscar reverter esse quadro. E os resultados foram que encontraram a eficácia superior do método fônico a partir da evidência científica acumulada ao longo de quase oito décadas de pesquisa.

O Reino Unido também realizou algo parecido para atender as reivindicações da população, utilizou-se de alguns relatórios como o *The National Literacy Strategy: Framework for teaching* (UK Department of Education and Employment, Standards and Effectiveness Unit, 2000) o qual testifica a eficácia do método fônico. Essas mudanças feitas nesses países só trouxeram benefícios aos próprios. Desde então, houveram muitos sucessos nas avaliações e o nível de competência em leitura e escrita dos sujeitos na escola cresceram.

Os autores abordam a questão de as faculdades brasileiras adotarem o método construtivista desde os anos de 1980. Afirmam que o sistema os quais estamos inseridos constatou que produzem alfabetizadores tão ineficientes e ruins, pois eles entram através do vestibular com os mesmos atrasos de aprendizagem e saem quase do mesmo modo. Diante disso, vejo que os autores atribuem a esses resultados o método inserido. Segundo pesquisas oficiais, os alunos de alfabetizadores com diploma de nível superior em Pedagogia apresenta o

desempenho apenas 10% menos sofrível comparado aos alunos alfabetizados por professores com diploma de nível médio. E, segundo os dados do Saeb-Inep-MEC (1998, 1999, 2001b, 2002b) tem decrescido ainda mais.

É assombrosa essa realidade para um sistema de educação em relação aos anos que atravessamos, e continuamos fracassando dia após dias. E isso é algo que me faz refletir acerca da minha futura prática como pedagoga em sala de aula. É um misto de pensamentos ruins e esperançosos ao mesmo tempo. Ruins afirmo pelo nosso sistema ser tão ineficiente. Esperançosos por saber que tenho comigo a curiosidade e o entusiasmo de poder fornecer um trabalho coerente com uma educação de qualidade. E que esse fracasso pode ser revertido assim como nos países anteriormente citados.

Uma questão bastante interessante é que a Inglaterra demonstrou através que contando com políticas eficazes e bem fundamentadas, independente de condições socioeconômicas se constrói um processo positivo de alfabetização. Isso foi constatado em 1996, quando cerca de 45% dos alunos da quarta série (i.e., com nove anos, já que neste país a primeira série se inicia aos cinco anos) estavam baixos comparados aos níveis esperados de domínio da leitura e considerados de baixo nível mínimo baseado nas médias internacionais (Brooks, Pugh, E Schagen, 1996). Dessa forma, a partir de 1997 através da *National Literacy Strategy* houveram mudanças nas práticas de ensino, pois foram incluídas as instruções metafonológicas e fônicas explícitas, foi inserido a prática de leitura em voz alta assim como o uso racional do tempo de estudo em sala de aula. Em decorrência destes feitos, o índice de alunos abaixo do esperado caiu de 46% para 20% apenas. E, em 2001, a Inglaterra ocupou o terceiro lugar no ranking internacional de desempenho na leitura de alunos na quarta série, comparados aí desempenho de 45 países (Twist, Sainsbury, Woodthorpe, E Whetton, 2003).

Os dados deixam claro que os critérios que os professores brasileiros vêm usando para avaliar seus alunos são extremamente baixos, e que, se eles fossem usar critérios semelhantes aos critérios internacionais adotados pela OCDE no Pisa, teriam que reprovar 60% - 80% dos alunos (Organization for Economic Cooperative and Development, 2001).

Com o objetivo de erradicar o analfabetismo, o governo federal criou o Brasil Alfabetizado, em 2003. Foram gastos 700 R\$ milhões. E os resultados é que jovens e adultos que terminaram o curso são incapazes de compreender textos, possuem dificuldades diversas como distinguir letras, números, desenhos, símbolos. Ou seja, um retrocesso enorme, pois eles continuam sendo considerados analfabetos funcionais.

Como afirma Fullan (2000), estamos em plena era de grandes reformas na Educação, baseadas no conhecimento científico profundo dos processos envolvidos na Alfabetização revelados pela Psicologia Cognitiva da Leitura e da Escrita. É muito admirável o MEC obter ou "fingir" ter a incapacidade de enxergar o que se está explícito: os gestores responsáveis não possuem o nível adequado para tal cargo. Visto que não obtém a capacidade de promover uma melhoria na qualidade de ensino. Insistem em falhar erroneamente. Continuam a gastar dinheiro público e os investimentos acabaram sendo insuficientes.

A permanência do analfabetismo e o rebaixamento do nível de competências dos alunos vem sendo contabilizados a cada ano. O ENEM de 2006 atesta isso, pois continuaram a queda em relação ao de 2005 (questões objetivas e redação). Nas questões objetivas ficou abaixo de 38 pontos numa escala de 0 a 100, se caracterizando insuficiente.

No livro *Pró-letramento: Fascículo de Alfabetização e Linguagem* (Brasil, 2007) aborda a importância de:

- 1) reconhecer unidades fonológicas como sílabas, rimas e terminações de palavras; (p.27)
- 2) conhecer a natureza alfabética do sistema de escrita; (p.31)
- 3) ter consciência da correspondência entre letras e sons; (p.32)

Porém, mesmo diante de tantas pesquisas comprovadas cientificamente em países desenvolvidos, os quais testificaram seus avanços no processo de alfabetização. Infelizmente, os PCNs brasileiros continuam a utilizar o método ideovisual global baseado no construtivismo.

No Saeb de 2019 também continuou a contabilizar a ineficácia do método alfabético atual. Sendo por localização (rural e urbana), na 3ª e 4ª séries do ensino médio tradicional para a área de Matemática em cada UF. Tanto na área rural quanto na urbana a maior concentração se encontra no nível 0, com 17 e 16 UFs, respectivamente, o que representa 63% e 59,3% do total. A segunda maior concentração se dá nos níveis 2 e 3, na área rural, com 4 UFs em cada, representando 29,6% nos dois níveis, e no nível 3, na área urbana, com 10 UFs, o que representa 37% do total.

3.4 ESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA

O método fônico tem por finalidade a desenvoltura das habilidades metafonológicas nos alunos de modo que estes desenvolvam a aquisição da leitura e escrita de forma satisfatória. Para isso, é necessário que haja a decodificação fonografêmica fluente (responsável pelo registro dos pensamentos). Além disso, são requisitos para leitura a decodificação grafofonêmica fluente para que se consiga o semântico natural ao longo do processamento do texto. Ressaltando que a junção conjunta entre letras e sons aliado as instruções de consciência fonológica contribuem de forma positiva para a aquisição do processo de leitura e escrita.

De acordo com a análise bibliográfica há três competências importantes para se desenvolver com os alunos. A primeira é a Consciência Fonológica cuja função é de discriminar e manipular os segmentados necessários para atingir a fala do sujeito. Isto, portanto, é fundamental para que se construa o processo de aperfeiçoamento da leitura e escrita. É importante que se desenvolva a consciência de palavras, rimas e de aliterações, sílabas e, por último, a consciência de fonemas. Deve-se desenvolver todas essas atividades para a consciência fonológica de forma lúdica.

Em segundo lugar está o Conhecimento das correspondências grafofonêmicas, ou seja, destina-se ao processo de ensino explícito e sistemático entre letras e sons. Na prática destas atividades, o (a) professor (a) deve explicitar os nomes das letras e os sons que elas emitem. Porque somente dessa forma o sujeito irá ter a compreensão de cada letra escrita a um som da fala (nem sempre é necessário).

A terceira competência é o desenvolvimento das habilidades para Produção e Interpretação de Texto. Os pré-requisitos para tal é a desenvoltura da consciência fonológica e o reconhecimento das correspondências entre letras e sons. O aluno deve possuir a capacidade de entender e conseguir produzir a escrita de diferentes estilos. Para isso é importante apresentar variedades de estilos de textos como, por exemplo, as narrativas, poesias, provérbios, receitas, textos informativos, etc.

Para se realizar um trabalho que estimule a compreensão de texto, devem ser destinadas a prática atividades de interpretação objetivando que após a leitura do texto proposto que ela possa pensar acerca do conteúdo daquele texto e, em seguida, ser capaz de responder a questões e/ou representar o significado do texto através de desenhos; Já para desenvolver a capacidade de produção, deve solicitar que o aluno escreva textos a partir de alguma proposta apresentada pelo professor como, por exemplo, uma figura ou sequências de figuras, uma carta, poesia, etc. Algo que deve ser priorizado é o bem-estar da criança, o prazer em realizar tal atividade. Acredito que a ludicidade ela nos conduz para uma prática magnífica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada através de uma revisão bibliográfica apresentou como os alunos brasileiros vêm fracassando no processo de aquisição de leitura e escrita há mais de uma década. Diante de todas as pesquisas e evidências científicas, ficou bastante explícito como está precário o processo de alfabetização das crianças no Brasil. Todos os dados de pesquisas relatados durante a monografia "reafirmou" o descompromisso das autoridades competentes em tentar reverter tal problema.

Acredito que esse fracasso escolar está aliado ao método ideovisual global. Os PCNs brasileiros, que são considerados norteadores da conduta de planejamento e ensino dos professores, busca o texto como unidade básica para que haja o processo de aprendizagem da leitura e escrita. Ou seja, este sistema adotado só vem sendo comprovado a cada dia através das pesquisas com os dados do Saeb, por exemplo, a ineficácia do "ideário construtivista". E, a grande diferença está justamente nesse ponto. Em oposição a este pressuposto, os países desenvolvidos priorizam as relações grafema-fonema como unidade básica de aprendizagem de leitura e escrita, como também produzem competência de leitura, compreensão e produção competentes de textos.

Conclui-se que este sistema adotado só vem sendo comprovado a cada dia através das pesquisas com os dados do Saeb, por exemplo, a ineficácia do "ideário construtivista". Contrapondo a isto, muitas autoridades seguem negando o direito legítimo de todos: direito a uma educação de qualidade. Sendo este um recurso tão poderoso para conquistar a justiça social. Por enquanto, as autoridades seguem sem procurar investir para modificar as dificuldades de milhares de sujeitos.

Porém, sigo na esperança e/ou expectativa que o Brasil, assim como Inglaterra, França e Estados Unidos que enfrentaram esse mesmo fracasso, consiga se reerguer e admitir o sucesso e a eficácia que o fônico propicia. Acredito que a inserção do método fônico será capaz de transformar muitas realidades, principalmente de crianças com algum tipo de deficiência. Esse trabalho foi pensado e desenvolvido pelas dificuldades que vi na prática uma criança autista vivenciar nas suas atividades cotidianas. Vejo o fônico como um instrumento inclusivo de vasta importância, pois está comprovado e na prática em vários países desenvolvidos é eficaz no processo de alfabetização.

Por fim, almejo que todos esses alunos possam serem capazes de aprender a linguagem escrita por meio da linguagem falada. E que o método fônico transforme o sentimento de incompetência destes sujeitos por anseio em aprender cada vez mais, com sensação de bem-estar e alegria no ato de aprender.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BRITES, Luciana.; BRITES, Clay. **Mentes Únicas**. São Paulo: Editora Gente, 2019.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico**. 1. ed. São Paulo: Memmon, 2002.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico**. 2. ed. São Paulo: Memmon, 2003.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico**. 3. ed. São Paulo: Memmon, 2004.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico**. 4. ed. São Paulo: Memmon, 2007.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização: Método Fônico**. 5. ed. São Paulo: Memmon, 2010.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Art. 205, de 1988. **In: Da Ordem Social. CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO.**

DEHAENE, Stanislav. **Métodos de Alfabetização**. 2012 Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/noticias/3640-neurocientista-apresenta-metodos-de-alfabetizacao-letra-por-letra>

DEHAENE; Stalista. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução: Leonor Scliar- Cabral,- Porto Alegre: Penso, 2012.